

## Russos na Guerra do Chaco: *Fragmentos Históricos*

## *Russians in The Chaco War: Historical Fragments*

por Gabriel Rodrigues Peixoto\*

Recibido: 20/3/2018 - Aprobado: 7/5/2018

### Resumen

El presente artículo se propone, de manera incipiente, revelar la aparentemente improbable pero protagónica participación de individuos y grupos de origen rusa en los desarrollos conectados al conflicto territorial que puso en disputa a Bolivia y Paraguay entre los años 1932 y 1935 en el episodio conocido como Guerra del Chaco.

Al analizar la particularidad del conflicto sudamericano a través de la presencia de grupos de especificidad destacada en última instancia revela las contradicciones, tendencias y movimientos del Estado paraguayo en la pos Guerra de la Triple Alianza y en la primera mitad del siglo XX ayudando a comprender el estallido del conflicto chaqueño y sus consecuencias en la política paraguaya.

**Palabras Clave:** Guerra, Chaco, Rusos, Menonitas, Paraguay

\*Universidade Federal da Integração Latino-Americana - UNILA.



## Resumo

O presente estudo busca, de maneira incipiente, revelar a aparentemente improvável, embora por vezes central, participação de grupos e indivíduos de origem russa nos acontecimentos conectados ao desenvolvimento do conflito territorial que colocou em disputa a Bolívia e Paraguai entre os anos de 1932 e 1935 no episódio conhecido como Guerra do Chaco.

Ao passo que se lança a analisar a tal particularidade do conflito sul-americano por meio da presença de grupos de saliente especificidade mais que nada acaba por revelar as contradições e tendências e movimentações do Estado paraguaio no pós-Guerra da Tríplice Aliança e na primeira metade do século XX ajudando a compreender a deflagração do conflito do Chaco e seus desdobramentos posteriores na política paraguaia.

**Palavras chave:** Guerra, Chaco, Russos, Menonitas, Paraguai

## Abstract

This present study seeks to reveal the seemingly unlikely, though decisive, participation of groups and individuals of russian origin in the events connected to the development of the territorial conflict that led to a war between Bolivia and Paraguay between 1932 and 1935 in the episode known as the Chaco War.

While analyzing this particularity of the south american conflict through the presence of groups of salient specificity it ultimately reveals the contradictions, tendencies and movements of the paraguayan State in the post War of the Triple Alliance and in the first half of the twentieth century helping to understand the outbreak of the Chaco conflict and its consequences in Paraguayan politics.

**Key words:** Chaco, War, Russians, Mennonites, Paraguay



## Introdução: El Tereré Ruso

Em uma das tantas versões sobre a origem do Tererê, infusão de água fria e erva mate que se tornou parte vital da idiossincrasia e identidade paraguaia, diz-se popularmente que este teria sido criado nas frentes de batalha durante a Guerra do Chaco ante a possibilidade de que as fogueiras acesas para esquentar a água delatassem a posição ao inimigo. Mesmo numa outra versão que aponta as origens de tal costume a época pré-colonial, tem-se por certo que foi a guerra travada entre 1932 e 1935 a que finalmente popularizou o consumo da bebida no país, em preterimento do *cimarrón caliente*, pelas mesmas razões de ordem prática<sup>1</sup>.

De forma também anedótica, mas aqui de algum valor, é a origem de uma das variantes mais populares da bebida, de especial disseminação ao sul do país, conhecida por *tereré ruso*, que substitui a água pelo sumo de frutas cítricas e que tem sua paternidade atribuída, popularmente, aos imigrantes do país eslavo. Tal manifestação em um dos traços mais singulares do Paraguai é apenas uma ponta inicial que dá pistas sobre a presença de imigrantes russos no país, uma reverberação improvável e indireta da Revolução Bolchevique de 1917 que havia lançado ao exílio em direção ao país sul-americano significativas levas de oficiais do exército branco, leais ao velho regime czarista, tal como de grupos de religiosos menonitas os quais se opunham à nova organização social soviética.

De algum modo subvertido a Guerra do Chaco ao tempo que prenúncio das táticas militares avançadas que se aplicariam na Segunda Guerra Mundial, tal como o uso extensivo da aviação militar e do avanço relâmpa-

<sup>1</sup> Benítez, D. (1998). *El Terere, Algo Más Que Una Bebida En Paraguay*. Assunção: El Lector. Disponível em: [http://www.portalguarani.com/2392\\_derlis\\_benitez\\_alvarenga/17318\\_el\\_terere\\_algo\\_mas\\_que\\_una\\_bebida\\_en\\_paraguay\\_\\_por\\_derlis\\_benitez\\_alvarenga\\_.html](http://www.portalguarani.com/2392_derlis_benitez_alvarenga/17318_el_terere_algo_mas_que_una_bebida_en_paraguay__por_derlis_benitez_alvarenga_.html) [visitado janeiro de 2018]

go da infantaria motorizada<sup>2</sup>, seria também palco de uma reedição da rivalidade entre as escolas militares russa e alemã as quais já haviam se digladiado no decorrer da Primeira Grande Guerra e que travariam, na década subsequente ao conflito sul-americano, a principal disputa na maior de todas as guerras. Enfrentadas às tropas paraguaias e seus adidos militares russos estavam seus pares bolivianos sob a égide do Comandante em Chefe das Forças Armadas do país, o veterano alemão Hans Kundt, quem já havia enfrentado as forças da Rússia Czarista em solo europeu e havia capitaneado a modernização do exército boliviano, sendo sua presença consideravelmente mais conhecida e reconhecida na história do conflito<sup>3</sup>.

Em uma pequena nota sobre a Guerra do Chaco em uma edição de julho de 1933 a revista estadunidense *Time* revelava:

Os paraguaios, afamados por serem os combatentes americanos mais ferozes com facão e baioneta, se reagruparam sob o comando de russos brancos, o que emparelhou as coisas em respeito aos oficiais alemães sob as ordens do general Kundt. Pronto o chão da selva serviu de leito a 2000 mortos. Os bolivianos haviam rompido as linhas pelo norte e pelo sul, mas em Nanawa – o Verdún paraguaio – todavia estava de pé após a batalha mais sangrenta do Chaco<sup>4</sup>.

Já no ano de 1924, três anos após findada a guerra civil russa, o governo do presidente liberal Dr. José Eligio Ayala (1923-1928) organizaria a chegada de 13 ex-oficiais czaristas dentro da perspectiva de modernização

<sup>2</sup> Aponta Moniz Bandeira que a Alemanha foi o principal país a aprender “avaliar a importância do reconhecimento aéreo, da surpresa, das manobras de limpeza, do uso maciço dos tanques, da infantaria motorizada, das unidades técnicas e do conceito de nação em armas” desde a observação do conflito sul-americano. Bandeira, L. A. M. (1998). “A Guerra do Chaco”. *Revista Brasileira de Política Internacional* nº 41, Brasília. p. 182.

<sup>3</sup> Ver em Brockmann, R. (2007). *El general y sus presidentes: vida y tiempos de Hans Kundt, Ernst Röhm y siete presidentes en la historia de Bolivia, 1911-1939*. La Paz: Plural Editores.

<sup>4</sup> *Time*. (1933). “Bolivia-Paraguay: Blood in Chaco”. 17/7. Vol. XXII, nº 3. Nova Iorque. (tradução nossa)



do exército e afirmação da soberania na fronteira norte do país. Liderados pelo veterano ex-general branco e etnólogo Ivan Beliaev, que logo castelhanizaria seu nome a Juan Belaieff, tal grupo pioneiro ainda prepararia o terreno para a chegada de mais 70 ex-oficiais do exército Branco, agregados de suas famílias, os quais também se colocariam à disposição das Forças Armadas paraguaias.

Poucos anos adiante, a partir do final da década de 1920, também chegariam ao país consideráveis levas de religiosos menonitas. No rastro de grupos oriundos do Canadá, indivíduos provenientes primariamente de colônias na Sibéria e posteriormente, e em menor número, dos territórios ao leste do que hoje é a Ucrânia, rumariam a se assentar na região do Chaco Boreal.

Num Paraguai de escassa população, consequência da Guerra da Tríplice Aliança, eram poucos os que se lançavam a desbravar o árido norte do país, pelo qual o território era praticamente desabitado por indivíduos tidos como civilizados e a presença do Estado nula. A fama de laborantes abnegados dos menonitas veio a calhar frente a árdua tarefa de colonização do Chaco, conhecido por sua manifestada inospitalidade. O estabelecimento de suas colônias poderia assegurar a presença paraguaia frente às pretensões territoriais bolivianas sobre o território chaqueño, uma constante preocupação partir da década de 20. Numa relação onde o governo paraguaio tinha pouco a perder, os menonitas ao troco da posse da terra tiveram por função se tornar fronteiras vivas numa estratégia de afirmação de soberania por ocupação.

Ambos os grupos compartilhando a origem no Império Russo e uma mesma motivação que os lançaria ao exílio, os desdobramentos da Revolução Bolchevique de 1917, acabariam por se ver injetados numa nova realidade peculiar e se tornando centrais a estratégia prévia e ao desenlace de guerra paraguaio durante a disputa pela soberania do terri-



tório da região do Chaco, entre 1932 e 1935. Por conta de tal centralidade sua presença e agir parecem haver acelerado o estalar do conflito entre os então dois países mais pobres da América do Sul.

Tanto menonitas, os quais tiveram um papel central na logística avançada da guerra, quanto os imigrados provenientes do derrotado exército branco, que assumiram papéis ativos na frente e na retaguarda operacional do conflito, tiveram grande peso nos esforços de guerra paraguaios e em sua eventual vitória estratégica no palco *chaqueño*. Sua presença peculiar –em amplos sentidos–, se bem um fenômeno de dimensões quantitativas menores, acaba por ajudar a revelar as contradições subjacentes e as dinâmicas do Estado paraguaio tal como entender suas configurações espaciais e de poder na primeira metade do século 20.

### Breves notas metodológicas e justificativa

De maneira geral boa parte da literatura sobre o conflito tende a concentrar suas vistas às possíveis contradições que levaram a guerra numa análise de escala global, normalmente a classificando como um afloramento da corrida imperialista pelo controle das então recente descobertas de petróleo. Tal situação acabou por criar um senso comum que reduziu o papel dos países contendentes ao de meros proxys.

Já Moniz Bandeira em seu artigo A Guerra do Chaco<sup>5</sup> trata de maneira resumida, ainda que de forma compreensiva e de grande valia em nossa opinião, sobre a política interna boliviana no pré-guerra assim como o faz da conjuntura regional, elencando um fator que afeta de forma importante a política interna paraguaia: a região do Chaco Boreal estava em boa parte

<sup>5</sup> Bandeira, L. A. M. (1998). “A Guerra do Chaco”. Op. Cit., pp. 162-197.



sob propriedade de grupos econômicos argentinos e continuava sendo de interesse estratégico de Buenos Aires, aliada ao governo liberal que dominava a política paraguaia, dentro do marco de disputa da hegemonia regional. Esse foco revela uma das pernas das motivações do governo paraguaio em sua campanha de afirmação de soberania sobre o Chaco embora lhe escape uma análise da escala local da disposição política interna do país guarani.

Que a crise financeira mundial no final da década de 1920 e a expectativa de prospecção de petróleo, nunca confirmada como economicamente viável, foram fatores que contribuíram para que o conflito se deflagrasse em seu próprio momento histórico é um fato. E tal como aponta Bandeira, que a proteção dos interesses argentinos por parte do Partido Liberal frente a uma possível anexação boliviana tenha peso nas motivações do Estado paraguaio também o são. Mas tais escalas de análise, global e regional, perdem a totalidade do fenômeno.

Ao passo em que tratamos de localizar no tempo e no espaço o objeto de nosso estudo, os grupos e indivíduos russos partícipes na Guerra do Chaco, nos deparamos com as particularidades da política interna paraguaia no início do século XX que obviamente não habitam o vácuo e que são vitais ao entendimento dos acontecimentos que desembocaram no conflito e em seus sucessos. Nossos protagonistas, cavalgando uma série de fatos históricos de ordem global que se encadeiam e culminam no longínquo Paraguai, ou o mero azar, acabam por se tornar partícipes destes movimentos centrais da situação interna do país, pelo qual seu conhecimento nos parece fundamental.

### **A região do Chaco e os precedentes do conflito**

O Grande Chaco é uma região de características bem definidas que



contrastam de forma marcada com seus biomas circundantes, distinguindo-se em três sub-regiões principais: o Chaco Austral, entre os rios Salado e Bermejo; o Chaco Central, entre os rios Bermejo e Pilcomayo e, em seu extremo oeste, o Chaco Boreal nas cercanias do Rio Paraguai, pelo qual se estende, portanto, pelos territórios de Argentina, Brasil, Bolívia e Paraguai. Seu clima árido somado a hostilidade das nações autóctones frente aos colonizadores fizeram que seu território nunca fosse de fato demarcado até meados do século 19<sup>6</sup>.

A disputa pela soberania territorial do Chaco Boreal tem seu primeiro despoite já no ano de 1852 quando do reconhecimento da independência e da extensão territorial paraguaia pela Confederação Argentina<sup>7</sup>, o que causou pronta objeção da Bolívia. Com pretensões anexionistas, a mesma Argentina haveria ainda de ocupar o território ao norte do atual Paraguai nos desdobramentos finais da Guerra da Tríplice Aliança, fato que causaria rugosidades com o Brasil que evitava maior contato limítrofe com o país platino<sup>8</sup>.

Todavia, seriam questões decorrentes das guerras em que se envolveram Bolívia e Paraguai no século 19 que acirrarão as rivalidades que desembocaram às vias de fato entre os dois países no século XX. Se bem o acesso à Bacia do Prata já se demonstrará uma questão cara a Bolívia desde a metade do século 19, o resultado da Guerra do Pacífico<sup>9</sup>, que

<sup>6</sup> Morello, J. (1981). *El Gran Chaco: El Proceso De Expansión De La Frontera Agrícola Desde El Punto De Vista Ecológico Ambiental*. Brasília: Cepal, pp. 32-33.

<sup>7</sup> Sob o governo de Justo de José de Urquiza a Confederação Argentina firmou um acordo de navegação e limites com o Paraguai, reconhecendo formalmente sua independência. O acordo de julho de 1852 rezava que “que el río Paraguay pertenece de costa a costa en perfecta soberanía a la República del Paraguay hasta su confluencia con el Paraná”. Sierra, V. (1956). *Historia de la Argentina. Volume 1*. Buenos Aires: Editorial Científica Argentina, p. 660

<sup>8</sup> Bandeira, L. A. M. (1998). “A Guerra do Chaco”. *Op. Cit.*, p. 165.

<sup>9</sup> Conflito ocorrido entre 1879 e 1883, confrontando o Chile às forças conjuntas da Bolívia e Peru. O vitorioso Chile anexou a província peruana de Tarapacá e a província boliviana de Antofagasta pelo qual a Bolívia perdeu sua saída soberana ao mar.



forçara o país a condição de mediterraneidade, tornou a busca por um novo acesso fluvial ao mercado mundial uma questão vital no início do século 20. Já o Paraguai, com sua política interna polarizada entre colorados e liberais no pós-Guerra da Tríplice Aliança –também causada em grande parte por sua mediterraneidade–, tinha nas pretensões bolivianas para além da ameaça territorial uma sorte de válvula de escape para suas contradições internas.

A partir de 1879, ano do fim da Guerra da Tríplice Aliança, foram 5 as tentativas de tratados que buscavam o assentamento das disputas fronteiriças entre Bolívia e Paraguai, quatro delas se concentrando no pós-1883, ano do encerramento da Guerra da Pacifico. Tais intentos foram rechaçados de forma sistemática, ora pelo congresso nacional boliviano, ora pelo paraguaio.

O ano de 1906 marcaria o início da construção de uma série de postos militares avançados no Chaco por iniciativa boliviana, movimento abria passo a duas novas negociações que tiveram a mesma sorte de seus precedentes<sup>10</sup>. Tentativas de resolução diplomática do conflito durariam até o ano de 1921, altura em que Assunção passa a ter uma política clara de ocupação do Chaco, avalizando a venda de terras a grupos de religiosos menonitas, o que se provaria um passo para a escalada de acirramento que desembocaria no conflito armado uma década mais tarde.

### O Paraguai no início do século 20

Devastado pela Guerra da Tríplice Aliança, findada oficialmente em 1870, e todavia ocupado pelas tropas aliadas até o ano de 1878, o Para-

<sup>10</sup> Bandeira, L. A. M. (1998). “A Guerra do Chaco”. *Op. Cit.*, p. 163



guai continuava a ser palco principal das rivalidades geopolíticas entre Brasil e Argentina, até já bem adentrado o século 20, dentro do marco de disputa de influência sob o Rio da Prata. Neste período seus dois vizinhos se revezaram em influir, de forma ampla e sem pudores, nos andamentos da política interna do país se utilizando para isso de suas facções das elites locais alinhadas, plasmadas na Asociación Nacional Republicana, o Partido Colorado, de tendências pró-brasileiras e o Partido Liberal Radical Auténtico próximo aos interesses argentinos<sup>11</sup>.

Num pós-guerra de virtual controle externo, onde ademais cerca de 70% da população havia sido dizimada<sup>12</sup>, também o exército do país haveria de ser reduzido a níveis mínimos, direcionando seu foco de atenção principal a política interna e se tornando ao mesmo tempo cenário e agente das disputas políticas do país guarani, sendo ativo nos conflitos que pululavam o cenário político interno daquele período tal como nas guerras civis de 1911-1912 e 1922-1923. Altamente dividido, seguindo as linhas gerais das contradições entre as elites locais, fortalecer ou escamotear aos seus mandos em demasia era um risco a estabilidade de qualquer força política:

Desde 1870 a 1924, ningún gobierno, ningún jefe militar, ningún partido político o entidad patriótica consideró de vital importancia la preparación castrense del país. (...) El estado de las fuerzas armadas nacionales, a mediados de 1924, luego de la revolución de 1922-23, era realmente desastroso. Los recursos técnicos eran ínfimos y en su mayoría inservibles. La organización castrense incluía un Inspector General del Ejército y tres zonas militares (...). Los reglamentos militares eran arcaicos, anteriores a la primera Guerra Mundial<sup>13</sup>.

<sup>11</sup> Bandeira, L. A. M. (1998). "A Guerra do Chaco". *Op. Cit*, p. 172

<sup>12</sup> Whigham, T. (2010). *La Guerra de La Triple Alianza Vol. 1. Causas E Inicios Del Mayor Conflicto Bélico De América Del Sur*. Assunção: Santilana. Disponível em: [http://www.portalguarani.com/833\\_thomas\\_l\\_whigham/15350\\_la\\_guerra\\_de\\_la\\_triple\\_alianza\\_volumen\\_i\\_thomas\\_whigham\\_ano\\_2010.html](http://www.portalguarani.com/833_thomas_l_whigham/15350_la_guerra_de_la_triple_alianza_volumen_i_thomas_whigham_ano_2010.html) [visitado janeiro de 2018]

<sup>13</sup> Brezzo, I. M. (2010). *El Paraguay a comienzos del siglo XX 1900-1932*. Assunção: El Lector, p.92



De forma curiosa seria a vitória do governo sobre o motim militar de 1922, conhecido por Primeira Guerra Civil Paraguaia, o fato político que prepararia o terreno para o início do processo de modernização do exército<sup>14</sup>.

Enfrentados ao presidente provisório, e de facto, Eusebio Ayala<sup>15</sup> (1921-1923), do Partido Liberal, o exército seria derrotado por forças pró-governo de composição majoritariamente civil. Ao final da disputa o vitorioso e desgastado Eusebio renunciaria ao poder mas ainda se manteria o domínio liberal. Assumiu Luis Alberto Riart num mandato tampão que duraria apenas quatro meses e vinte nove dias, abrindo passo a presidência de Eligio Ayala, empossado pelo Congresso Nacional com a missão maior de pacificar o país<sup>16</sup>.

Frente a instabilidade que tinha nas forças armadas uma de suas fontes principais, de forma astuta, Eligio Ayala aprofundando o processo iniciado por Riart –agora ministro da Defesa e da Guerra– e rompendo com a lógica que se arrastava pelas últimas décadas, ao invés de punições procurou dar maior atenção às forças armadas e as elites castrenses do país a fim de agregá-las ao redor de seu projeto de poder, pelo qual “existieron distintos programas de reorganización de las unidades de las Fuerzas Armadas y se fundó la Escuela de Aviación Militar”<sup>17</sup> já no ano de 1923.

Em ordem de justificar um amplo processo de modernização e readequação do exército como uma necessidade real e central ao país, foi elencada a questão da necessidade da ocupação e controle do Chaco Boreal<sup>18</sup>, área historicamente em litígio com a vizinha Bolívia, país que se

<sup>14</sup> Brezzo, I. M. (2010). *El Paraguay a comienzos del siglo XX 1900-1932*. Op. Cit, p.92

<sup>15</sup> Nomeado pelo Congresso após a renúncia do presidente Manuel Gondra.

<sup>16</sup> Zuccarino, M. (2010). *La Guerra Del Chaco (1932-1935). Variables Internas Y Externas, Y La Postura De La Argentina Ante El Conflicto*. Tandil: Unicen, Pp. 68-69.

<sup>17</sup> Furlan, I. F. (2014). “Pensamiento militar y defensa en Paraguay: la mirada del capitán de navío José Alfredo Bozzano sobre el conflicto del Chaco” en *Documentos De Trabajo*, N°21. Buenos Aires: Escuela de Defensa Nacional, p. 4

<sup>18</sup> Furlan, I. F. (2014). “Pensamiento militar y defensa en Paraguay: la mirada del capitán de navío José Alfredo Bozzano sobre el conflicto del Chaco”. *Op. Cit.*, p. 4



encontrava em condição de mediterraneidade recém-imposta e que buscava forma desesperada uma saída fluvial ao oceano Atlântico. Para isso lhes seria vital o controle do Chaco com fins de obtenção à um acesso ao Rio Paraguai<sup>19</sup> e de forma conseguinte a Bacia do Prata, o que colocava em risco a integridade territorial paraguaia.

A crescente iminência do conflito com o vizinho do norte, para além das dinâmicas territoriais aparentes, também cumpria uma função política clara: reposicionava geograficamente o foco das forças armadas para um território ermo, distante do *Palacio de López*, obrigando que o exército voltasse sua mirada ao possível inimigo externo. Era a aposta liberal pela consolidação de poder.

De forma concomitante este processo se moveu prontamente a depuração dos quadros militares, que contou com o auxílio estrangeiro plasmado nas “Misiones Militares de Francia y Argentina”<sup>20</sup> com o óbvio fim de promover uma renovação ideológica e de pessoal entre as filas castrenses. É aqui que por um estalo de senso de oportunidades aliados a um fluxo histórico maior começam a se estabelecer as ligações que levariam a importante, ainda que aparentemente improvável e historicamente silenciada, participação de indivíduos russos na Guerra do Chaco. É o que veremos a seguir.

## O General Belaieff

Central à história da presença de russos no conflito sul-americano é a figura do general Juan Belaieff. Nascido Iván Timofevich Belaiev no ano

<sup>19</sup> Bandeira, L. A. M. (1998). “A Guerra do Chaco”. *Op. Cit.*, p. 170.

<sup>20</sup> Furlan, I. F. (2014). “Pensamiento militar y defensa en Paraguay: la mirada del capitán de navío José Alfredo Bozzano sobre el conflicto del Chaco”. *Op. Cit.*, p. 5



de 1875, na então capital do Império Russo, São Petersburgo. Belaieff ingressara a caserna seguindo a tradição familiar sendo alocado na virada do século XX na região do Cáucaso, onde passaria a maior parte de sua carreira militar no Império czarista. Tal região, todavia recém-anexada ao Império, era berço de distintos povos hostis a dominação da etnia russa e que, portanto, deveriam ser rapidamente incorporados politicamente ao Império dadas as ameaças fronteiriças constantes<sup>21</sup>.

Em tal posto o general Belaieff desenvolveu em paralelo às suas funções militares um considerável trabalho etnográfico que viria a ser reconhecido pela Sociedade Geográfica Imperial Russa, razão pelo qual seria aceito como membro da organização. De maneira geral, seus escritos ressoavam a estratégia do Império Russo de descentralizar taticamente o poder central mantendo as estruturas hierárquicas locais, a fim de acomodar e reforçar a estrutura e o poder imperial, criando e estreitando laços de lealdade locais.

Deflagrada a revolução bolchevique em Outubro de 1917, Belaieff se juntaria às fileiras ao Exército Branco, fiel ao regime czarista, enfrentando ao Exército Vermelho sob as ordens do Partido Bolchevique. Durante o conflito serviu naquele que seria o último reduto Branco na Guerra Civil, a Crimeia, onde permaneceu até a queda da cidade de Odessa quando finalmente partiu ao exílio fazendo escalas por cidades europeias e pelo Egito<sup>22</sup>, de onde finalmente rumaria em direção ao continente americano acompanhado de sua esposa e tendo por intenção criar uma comunidade que serviria de porto seguro aos refugiados russos:

<sup>21</sup> Região fronteiriça entre a Europa e a Ásia anexada pelo Império Russo numa série de campanhas e conflitos encadeadas que ficaram conhecidos como Guerra do Cáucaso (1817-1864), embora houvesse um histórico prévio de disputas. A região passou a ser a fronteira imediata com o Império Otomano, inimigos centenários dos russos, se tornando também estratégico às disputas geopolíticas entre os Impérios russos e britânicos pelo controle da Ásia central no século 19.

<sup>22</sup> Richard, N. (2008). *Los baqueanos de Belaieff. La mediación indígena en la entrada militar al Alto Paraguay*. Assunção: Servilibro/Museo del Barro, p. 297



(...) em janeiro de 1923 o casal [Belaiev] embarcou com destino a Buenos Aires com o sonho de fundar o que Iván chamava de “Coração Russo” - um refúgio espiritual para centenas de milhares de russos no exílio, que como em uma arca, poderiam preservar as tradições, costumes, a religião e sua cultura centenária a espera de tempos melhores<sup>23</sup>.

Na capital argentina, localidade na qual já residiam ao menos 500 ex-oficiais brancos exilados<sup>24</sup>, Belaieff logo entraria em discordância com seus compatriotas os quais se demonstraram avessos a ideia de uma eventual chegada maciça de conterrâneos menos afortunados por temerem ver-se obrigados a ampará-los financeiramente. Contrariado pela negativa ante seu projeto, Juan permaneceu na capital argentina ainda por um ano, ministrando aulas de francês e piano para se manter financeiramente. Foi durante este período onde estabeleceria os primeiros contatos que finalmente o levariam ao seu último destino.

Em março de 1924 se dirigiu a cidade de Assunção à bordo do vapor Berna e nem bem havia chegado a cidade logo entrevistou-se com o ministro da Defesa, Luis Alberto Riart. Neste primeiro encontro Riart já lhe assignaria suas designações na fronteira norte do país. Nomeado professor da Escola Militar e agregado a *Sección Cartográfica del Estado Mayor General del Ejército* com a patente de general, recebeu como missão principal o mapeamento da região, com fim de erigir fortificações militares que assegurassem a soberania na área litigiosa<sup>25</sup>.

No seguinte 28 de junho o general seria autorizado a trazer ao país doze

<sup>23</sup> Cheterston, B. M; Isaenko, A. V. (2014). “A White Russian in the Green Hell: Military Science, Ethnography, and Nation Building”. *Hispanic American Historical Review* nº 94, Durham. p. 616 (tradução nossa)

<sup>24</sup> Andruskiewitsc, Don I. (2012). “La emigración y la diáspora rusas en el mundo y en la Argentina. Revista *Perspectivas*, nº 1. Villa Ballester. Disponível em: <http://www.misionortodoxa.org/la-emigracion-y-diaspora-rusa-por-don-igor-andruskiewitsc&start=20> [visitado janeiro de 2018]

<sup>25</sup> Scheina, R. (2003). *Latin America's Wars Volume II: The Age of the Professional Soldier, 1900-2001*. Vol. 2. Washington: Potomac Books, p. 91



adidos russos, todos seus antigos companheiros de armas, os quais haveriam de tomar parte em sua missão no Chaco. Eram apenas os primeiros a chegar daqueles que tomariam parte da vindoura guerra.

### Os russos de Belaieff

Seriam ao total 13 as expedições de Belaieff ao Chaco, no período de 1924 a 1931, e desde suas primeiras incursões o general estaria acompanhado por oficiais compatriotas, sendo Oreieff Serebriakoff e Alexander Von Eckstein seus auxiliares mais próximos e os quais lhe acompanharia até a última e fatídica delas.

Ademais da experiência técnica fundamental no mapeamento do terreno, sob seu comando, junto ao de Nicolas Ern<sup>26</sup>, foram erigidas fortificações que seguiam esquemas de construção análogos a aqueles utilizados pelo exército branco na Crimeia. Dotadas de configurações que já haviam sido postas à prova de fogo em um conflito onde se empregaram táticas e armamentos modernos, estas demonstraram ter grandes vantagens na defesa território tomando em conta a assimetria das forças contendentes.

Também sua vivência junto às tropas transcaucasianas da Divisão de Cavalaria Cossaca serviriam de modelo utilizado de forma a buscar a aproximação com os indígenas locais, que de início auxiliaram como guias nas empreitadas militares num território inóspito e ainda amplamente desconhecido. Por emulação à lógica do exército imperial do qual fizera parte, num território em disputa, a lealdade de um povo autóctone seria em si mesmo uma fronteira frente ao inimigo.

<sup>26</sup> Scheina, R. (2003). *Latin America's Wars Volume II: The Age of the Professional Soldier, 1900-2001*. Op. Cit., p. 83



A última expedição no final de 1930, também a de maior duração e de maior importância militar, estava destinada a região do lago Pitiantuta, central ao conflito e estopim da movimentação boliviana<sup>27</sup>. Nessa última fatídica expedição Belaieff adentraria ao Chaco com a missão de realizar “(...) el descubrimiento de un lugar para el fortín que pudiera dominar el paso de Pitiantuta y luego establecer comunicaciones desde la misma hacia la costa (...)”<sup>28</sup>.

No dia 13 de março de 1931, chegaria às margens do lago num local no qual seria erigido o forte Carlos Antonio López no seguinte mês de julho. Tal forte cobraria importância vital durante o desenvolvimento do vindouro conflito dado a estar posicionado no meio dos dois eixos de avanço boliviano “desde Roboré hacia el Sur, y desde Camacho hacia el Norte, adelantándose de esta manera a los bolivianos en la carrera por llenar los claros existentes en el Chaco”<sup>29</sup>. Sua dimensão estratégica resta em razões logísticas óbvias já que o controle das poucas fontes de água existentes é vital na geografia da região, pelo qual a disputa pelos seus entornos concentraria grande parte dos enfrentamentos durante a vindoura guerra.

Na altura de novembro de 1931 o Estado-Maior boliviano embora ignorasse a existência do referido lago tinha ciência da presença da expedição de Belaieff na região em litígio fato pelo qual nos meses que se seguiram tropas bolivianas foram enviadas ao Chaco. Em abril de 1932, já tendo conhecimento do Pitiantuta, ao qual chamaram Laguna Grande, soldados bolivianos acabaram por descobrir a existência das fortificações militares paraguaias estabelecidas pelas missões de Belaieff na zona em disputa. Era a antessala do conflito. No dia 15 de junho tropas bolivianas se lançariam a tomar o forte inacabado junto ao lago:

<sup>27</sup> Scheina, R. (2003). *Latin America's Wars Volume II: The Age of the Professional Soldier, 1900-2001*. Op. Cit., p. 89

<sup>28</sup> Bejarano, R. C. (1982). *Síntesis De La Guerra Del Chaco*. Assunção: Editorial Toledo, p. 9

<sup>29</sup> Bejarano, R. C. (1982). *Síntesis De La Guerra Del Chaco*. Op. Cit., p. 10



(...) quando o regimento Lanza, sob o comando do Major Oscar Moscoso, capturou o Fortim Antônio Carlos López, (...) cuja importância consistia no fato de constituir o único reservatório de água, em muitas léguas ao longo da região. A guerra do Chaco, formalmente, começara<sup>30</sup>.

Cinco dias adiante, na defesa improvisada ante a agressão boliviana, comandando o *Tercer Batallón del RI 2 Ytororõ* cairia em combate o primeiro cidadão russo, o capitão Oreieff Serebriakoff<sup>31</sup>. A guerra havia chegado.

## A Guerra

Como se comprova os oficiais russos estiveram presentes na primeira trincheira da guerra desde suas primeiras horas e tampouco tardaria até que suas experiências aliadas aos 7 anos de preparação logo se colocassem a prova. O confronto frontal entre Belaiieff e Hans Kundt, entre o general russo e seu par alemão, aconteceria logo na defesa do forte Nanawa, naqueles primeiros meses da guerra.

A primeira Batalha de Nanawa, de 20 a 26 de janeiro de 1933, haveria de ser o ponto que comprovaria como corretas as concepções estratégicas e bem-aventuradas as andanças do ex-oficial czarista e seus subordinados pelo Chaco. Kundt, comandando o assalto com arredor de 9.000 homens e contando ademais com apoio aéreo, lançaria três ataques frontais em direção ao forte e, apesar de um inicial tímido sucesso, teria suas tropas forçadas a retirada:

El 4 de julio de 1933 las tropas bolivianas inician el segundo ataque a Nanawa, pero fracasan porque lo encuentran bien organizado. La derrota del ejército

<sup>30</sup> Bandeira, L. A. M. (1998). "A Guerra do Chaco". Op. Cit., p. 170

<sup>31</sup> Mazacotte, A. (1983). *Ensayo Sobre la Guerra del Chaco*, Tomo 1. Assunção: Ediciones Napa. Parte IX.



boliviano ofrece al ejército paraguayo la posibilidad de una maniobra envolvente, y las tropas bolivianas que quedan no tienen otra alternativa que retornar a sus trincheras en Gondra<sup>32</sup>.

Sob as ordens do General Irrazábal<sup>33</sup> o forte, fundado e erigido sob os auspícios de Belaieff e Ern, resistiu de forma triunfante numa vitória que deixava poucas margens para dúvida. Era o início da derrocada de Hans Kundt, que seria desmoralizado pela derrota, perdendo cerca de 2.000 fuzis a apenas 248 casualidades paraguaias. O alemão ainda haveria de ser derrotado por uma segunda vez em Nanawa dali a cinco meses<sup>34</sup>, pelo qual a localidade que ficaria conhecida como o Verdum sul-americano, foi decisiva na construção da vitória estratégica paraguaia<sup>35</sup>.

Belaieff junto de seus oficiais tomou parte ativa da defesa de Nanawa, comandando um corpo expedicionário formado por indígenas da etnia Maká, seus já conhecidos guias<sup>36</sup>. Suas atuações ainda se desdobrariam por toda a guerra, lastradas no sucesso de suas expedições. Seus mapas, seus fortes e suas lealdades se demonstrariam de elevado valor estratégico. Cheterston e Isaenko nos dizem que:

[as] Fortificações eram armadas com lançadores de morteiros, metralhadoras e pequenos canhões; todas eram rodeadas por campos minados. Tais construções ao longo da guerra se provaram mortais para os bolivianos em seus ataques frontais. Grupos avançados armados com granadas e liderados por

<sup>32</sup> Puente, R. (2011). *Recuperando la memoria: Una Historia Crítica de Bolivia*. Tomo 1. Santa Cruz: Fundación Colonial Pirai, p. 392.

<sup>33</sup> Vysokolan, S. (1958). Batalla de Nanawa. Conferencia pronunciada na Guarnição Militar de Paraguarí. Disponível em: [www.portalguarani.com/2000\\_stephan\\_vysokolan/14625\\_batalla\\_de\\_nanawa\\_dr\\_stephan\\_vysokolan\\_.html](http://www.portalguarani.com/2000_stephan_vysokolan/14625_batalla_de_nanawa_dr_stephan_vysokolan_.html) [visitado janeiro de 2018]

<sup>34</sup> Scheina, R. (2003). *Latin America's Wars Volume II: The Age of the Professional Soldier, 1900-2001*. Op. Cit., p. 89

<sup>35</sup> Puente, R. (2011). *Recuperando la memoria: Una Historia Crítica de Bolivia*. Op. Cit., p. 385.

<sup>36</sup> Zhuravleva, E. (2013). "Juan Belaieff, ruso en Paraguay" em Katari. Disponível em: [www.katari.org/archives/juan-belaieff-ruso-en-paraguay](http://www.katari.org/archives/juan-belaieff-ruso-en-paraguay) [visitado em janeiro de 2018]



guias indígenas recrutados por Belaieff destruíram tanques inimigos em emboscadas muito bem planejadas<sup>37</sup>.

E agregam que:

Grupos avançados armados com granadas e liderados por indígenas recrutados por Belaieff destruíram tanques através de emboscadas previamente planejadas. A exploração cartográfica do Chaco e os mapas feitos por Belaieff dos lugares de ação, tal como seu sucesso em atrair os indígenas para o lado Paraguaião determinaram a vitória de sua nova nação<sup>38</sup>.

É Interessante notar que embora a participação do elemento étnico indígena tampouco fosse estranho ao exército boliviano, compondo a maior parte dos combatentes<sup>39</sup>, estes eram de maneira geral quéchuas e aimarás, de origem nos distantes altiplano e vales da metade ocidental do país pelo qual “en un ambiente como el Gran Chaco estaban casi perdidos, [...] sufrían de hambre, sed y calor”<sup>40</sup>. Na historiografia boliviana, são pálidos os relatos de participação de indígenas de origem chaqueña do lado boliviano, e embora seja certo que estes existissem, eram bem menos presentes que no exército paraguaião<sup>41</sup>.

Para Cheterston e Isaenko o sucesso de Belaieff “em atrair os indígenas para o lado paraguaião, foi determinante na vitória de sua nova nação. Apesar de a prévia superioridade militar boliviana, seu limitado conheci-

<sup>37</sup> Cheterston, B. M; Isaenko, A. V. (2014). “A White Russian in the Green Hell: Military Science, Ethnography, and Nation Building”. Op. Cit., p. 626 (tradução nossa)

<sup>38</sup> Cheterston, B. M; Isaenko, A. V. (2014). “A White Russian in the Green Hell: Military Science, Ethnography, and Nation Building”. Op. Cit., p. 626 (tradução nossa)

<sup>39</sup> Granier, J. (2004). *Diario de campaña: fragmento de una vida patriótica en la Guerra del Chaco*. La Paz: Ah! Publicidad, p. 267.

<sup>40</sup> Riester, J. (2008). *Iyambae - Ser Libre: La Guerra del Chaco en la memoria indígena isoseña*. In: Richard, N. (comp.). *Mala Guerra: Los indígenas en la Guerra del Chaco (1932-1935)*. Asunción & Paris: Museo del Barro, ServiLibros & CoLibris. pp. 183-202.

<sup>41</sup> Eitz, A. (2014). *A Guerra do Chaco (1932-1935): Ocultação e Participação Indígena. Dissertação de Mestrado em História, Territórios e Fronteiras*. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, pp. 78-80.



mento da região acabou por minar sua superioridade numérica e material”<sup>42</sup>.

Foram ao redor de 60 os combatentes russos na Guerra do Chaco, desempenhando funções tanto na linha de frente como na retaguarda, com indivíduos integrados no exército e na força aérea<sup>43</sup>. Cairiam no conflito o tenente-coronel Sergio Salaskin, os majores Oreieff Serebriakoff, Boris Kassianov e Nicolás Goldschmidt, cartógrafo; ademais dos capitães Basilio Malutín e Víctor Kornilovich<sup>44</sup>.

Além de tomar parte no fronte também desempenharam um papel importante no adestramento feito às pressas de soldados oriundos de outras partes do Paraguai<sup>45</sup> tal como na fundação da primeira Faculdade de Engenharia no país, que naquela altura se dedicou a construção de infraestrutura que conectasse a região do Chaco, facilitando a logística e comunicação com a capital do país<sup>46</sup>.

No ano de 1932, Belaieff foi ascendido a General de Divisão e em 1933 nomeado conselheiro militar direto do ressurrecto presidente da república Eusebio Ayala, cargo o qual exerceu até o final da guerra da qual finalmente sairia vitorioso. Já Hans Kundt retornaria para a Alemanha logo após as seguidas derrotas do ano de 1933 e nunca mais voltaria à Bolívia.

<sup>42</sup> Cheterston, B. M; Isaenko, A. V. (2014). “A White Russian in the Green Hell: Military Science, Ethnography, and Nation Building”. *Op. Cit.*, p. 626. (tradução nossa)

<sup>43</sup> Aponte, L. (2015). “Bombardeos y Combates Aereos en La Guerra del Chaco”. *Ara Sunu*, nº 10. Assunção: Fuerza Aérea Paraguaya, p. 20.

<sup>44</sup> *ABC Color*. (2017). “Habilitan galería de rusos que defendieron el Chaco”. Assunção, 29/5. Disponível em: [www.abc.com.py/nacionales/habilitan-galeria-de-rusos-que-defendieron-el-chaco-1598414.html](http://www.abc.com.py/nacionales/habilitan-galeria-de-rusos-que-defendieron-el-chaco-1598414.html) [visitado janeiro de 2018]

<sup>45</sup> *Última Hora*. (2017). “A 82 años de la Paz del Chaco, héroe cuenta cómo fueron entrenados por los rusos”. Assunção, 12/6. Disponível em: [www.ultimahora.com/a-82-anos-la-paz-del-chaco-heroe-cuenta-como-fueron-entrenados-los-rusos-n1090623.html](http://www.ultimahora.com/a-82-anos-la-paz-del-chaco-heroe-cuenta-como-fueron-entrenados-los-rusos-n1090623.html) [visitado janeiro de 2018]

<sup>46</sup> Nikolaev, Y. (2006). “Los Rusos Que Hicieron un Sustancial Aporte al Desarrollo del País” em *Ria Novosti*. Moscou, 25/11. Disponível em: <https://mundo.sputniknews.com/noticias/2006112555847610/> [visitado janeiro de 2018]



Finda a guerra todos os russos residentes receberam a cidadania paraguaia, e teriam um considerável na vida social paraguaia. Em reconhecimento às suas contribuições durante a guerra Belaieff foi condecorado durante o governo revolucionário de Rafael Franco, quem havia quebrado momentaneamente com o duopólio colorado-liberal, como Cidadão Honorário do Paraguai<sup>47</sup>.

### A arca russa e o pós-guerra

Enquanto desenvolvia suas expedições no Chaco, Belaieff não deixou de levar a cabo sua ação junto a diáspora russa com fins de cumprir seu projeto de criar um *hogar ruso* em terras guaranis, ao menos até as portas da guerra. A chegada de 12 especialistas russos no país era apenas o passo inicial de sua empreitada.

No final da década de 1920 foi editado sob os auspícios de Belaieff na capital francesa, Paris, um jornal impresso em idioma russo e direcionado a comunidade expatriada, que na verdade se tratava de um panfleto político que buscava atrair a imigração em massa de russos para o país sul-americano. Em meio a crise de 1929 o jornal estampava em sua capa o mote: “A Europa não justificou as expectativas russas. O Paraguai é o país do futuro”. Nas páginas da publicação estava o chamado aos antigos súditos do império czarista a participarem da construção do estado nacional paraguaio, lugar onde os mesmos poderiam retomar as atividades que exerciam na Rússia pré-revolucionária. Todavia, como já havia passado com as colônias de estrangeiros no século 19, as tentativas de criar comu-

<sup>47</sup> Zhuravleva, E. (2013). *Juan Belaieff, ruso en Paraguay*. Disponível em: [www.katari.org/archives/juan-belaieff-ruso-en-paraguay](http://www.katari.org/archives/juan-belaieff-ruso-en-paraguay). [visitado janeiro de 2018]

nidades exclusivamente russas foram um fracasso econômico e a arca russa imaginada pelo general jamais se concretaria<sup>48</sup>.

No pós-guerra, frente ao fracasso de seu projeto inicial, o general se comprometeu com os assuntos indigenistas no Paraguai sendo membro fundador do *Patronato de los Indígenas del Chaco* em 1936 e, já em 1942, da *Asociación Indigenista del Paraguay* desenvolvendo em especial um trabalho com os índios da tribo *Maká*, *seus companheiros em armas*. Seu nome ainda é referido como partícipe intelectual em um dos primeiros episódios anticomunistas da ditadura stronista, a invasão da Colonia Fram, já no fim de sua vida<sup>49 50</sup>. Morreu em 1957, na cidade de Assunção, sendo seus restos transportados e finalmente sepultado no território dos índios *makás*.

### Os menonitas

Findada a Guerra da Tríplice Aliança o governo paraguaio se dedicou a atrair imigrantes de origem europeia ao país tendo em conta a drástica redução populacional e a necessidade de ocupar o território, obtendo pouco sucesso. Mesmo oferecendo passagens desde Buenos Aires assim como transporte ao destino final, parcelas de terra e assegurando a livre importação de maquinarias e bens pessoais, o número de imigrantes chegados ao país entre 1880 e 1920 tinham alcançado o número ínfimo de

<sup>48</sup> Mikhalkov N., (Diretor). (2003). "O Paraguai Russo" em *Russos sem Rússia*. Rússia, Rossiya 1. (tradução nossa)

<sup>49</sup> Localizada no departamento de Itapúa e formada por imigrantes eslavos, principalmente ucranianos, foi atacada brutalmente por forças militares acusada de abrigar espões comunistas. Presos muitos de seus cidadãos foram torturados e um estado de sítio de 35 anos foi imposto a comunidade.

<sup>50</sup> Gutiérrez, A. (2014). *La Oposición Tolerada Y La Perseguida*. Assunção: El Lector, pp. 20-28.



21.954 pessoas<sup>51</sup> com boa parte das experiências se tornando fracassos conhecidos<sup>52</sup>.

Seriam os grupos de religiosos menonitas chegados a partir do final da década de 1920 os primeiros a terem distinta sorte. E tanto seu caminho seria diferente por conta da guerra no Chaco como os rumos da guerra tomariam caminhos favoráveis ao Paraguai por conta de sua presença.

Grupo de denominações cristãs, os menonitas pertencem ao terceiro grande grupo da chamada Reforma, o movimento anabatista, do qual são descendentes diretos. Com origem no território dos atuais Países Baixos, desde os seus primórdios se caracterizaram por seus princípios pacifistas em clara contraposição a militância por vezes violenta<sup>53</sup> da maior parte do movimento anabatista.

Ainda no século 16, sob perseguição dos Habsburgos, seriam lançados ao seu primeiro êxodo tendo em direção a região da Prússia Ocidental então território sob domínio da coroa polonesa. Em seu caminho o movimento atraiu grandes números de seguidores de origem teuta, fenômeno que aliado à adoção de uma liturgia em idioma alemão acabou pôr o germanizar.

Novamente apossados por conta de suas práticas religiosas se viram outra vez perseguidos quando o território o qual ocupavam foi incorporado ao Reino da Prússia<sup>54</sup> e a expansão de suas colônias foi suprimida no ano de 1789. Outra vez em realidade hostil, enxergaram com bons olhos o chamado de Catarina II da Rússia aos povos germânicos para a colonização

<sup>51</sup> Hack, H. *Die Kolonisation der Mennoniten im Paraguayischen Chaco*. Amsterdam: Koelighes Topeninstitut, 1961, p. 23.

<sup>52</sup> O caso mais conhecido é o da colônia Nueva Australia, fundada em 1893.

<sup>53</sup> Plett, R. (1976). *Presencia Menonita En El Paraguay Origen, Doctrina, Estructura Y Funcionamiento*. Assunção: Instituto Bíblico Assunción.

<sup>54</sup> Também conhecida como Primeira Partilha da Comunidade Polaco-Lituana, ocorreu em 1772 e tal como sugere o nome foi a primeira das três partilhas que acabariam por pôr fim à Comunidade Polaco-Lituana em 1795.



agrícola das regiões ocidentais de seu império tendo por vistas modernizar e aumentar a produtividade agrícola do país<sup>55</sup>. Era o início de um segundo grande êxodo. Os menonitas se assentaram originalmente na região entre os rios Dnieper e Donets, adjacente ao coincidentemente último reduto do Russos Brancos na Guerra Civil Russa, a Crimeia. Bem sucedidos em sua empresa, dado seu alto sucesso produtivo e considerável nível de natividade, mantiveram um fluxo constante em direção ao leste do Império se aproveitando das crescentes simpatias do governo czarista e do território desabitado. Quando finalizada a construção da ferrovia transiberiana cruzaram os Urais em direção ao extremo oriental da Sibéria, nova fronteira a ser colonizada.

Todavia o cenário de bonança e expansão para os colonos menonitas em solo russo encontraria seu cese logo nas primeiras décadas do século 20. Estalada a Revolução Russa<sup>56</sup>, no ano de 1917, as principais e maiores colônias menonitas, nas regiões da Crimeia e do Donbass, se viram em meio à frente de luta mais encarniçada da guerra civil que tomou conta do país, passando a ter grande parte de sua produção confiscada tanto por brancos como por bolcheviques, assim como por milícias anarquistas<sup>57</sup>. Findada a guerra civil seus destinos tampouco seriam mais fáceis. Considerados *kulaks* –camponeses proprietários de grandes parcelas de terra–, entraram em choques com o novo poder soviético e após 1928, com o início da coletivização da terra, teriam seu estilo de vida isolacionista e rural ameaçado por toda a extensão da nova Rússia.

<sup>55</sup> Stricker, G; Sawatsky, W. (1984). *Mennonites in Russia and the Soviet Union: An aspect of the church history of the Germans in Russia*. Londres: Routledge, p. 294

<sup>56</sup> A Revolução Russa foi um período de guerra civil que derrubou a autocracia russa e levou ao poder o Partido Bolchevique, liderado por Vladimir Lenin.

<sup>57</sup> Foster, W. (2011). *The Makhnovists and the Mennonites: war and peace in the Ukrainian Revolution*. Disponível em: <https://libcom.org/history/makhnovists-mennonites-war-peace-ukrainian-civil-war> [visitado janeiro de 2018]



Em sua estada os menonitas mantiveram o uso da língua alemã, da totalidade de suas práticas religiosas e o caráter cerrado de suas comunidades. Ainda que sua permanência tenha dado à luz novas gerações nascidas na Rússia, podemos falar de um grupo populacional que apenas se encontrava russo. Sua não integração e exclusivismo eram impeditivos a sua absorção e normalização ao novo regime político do país.

### As colônias e a Guerra

Neste cenário a partir de 1930 parte dos menonitas optaria por se lançar a uma nova imigração. Na Sibéria populações de vilas inteiras se deslocariam sem aviso prévio cruzando o rio Amur rumo a fronteira chinesa, de onde finalmente em contato com outras comunidades menonitas espalhadas pelo globo organizariam sua migração a América<sup>58</sup>. Era um novo êxodo.

Parte de tal leva migratória tomaria por destino o longínquo Paraguai, seguindo o trilho de um pequeno grupo pioneiro de menonitas provenientes do Canadá, emigrados eles próprios da Rússia na década de 1870, que também haviam escolhido o êxodo por razões políticas e quem já haviam aventado a possibilidade de assentamento no país guarani desde a década de 1910.

Tais menonitas canadenses inicialmente tratariam por intermédio do general estadunidense Samuel McRoberts com José Casado Sastre<sup>59</sup>, herdeiro e administrador da Carlos Casado S/A, quem havia viajado a

<sup>58</sup> Schroeder, W. (2001). *Mennonite Historical Atlas*. Hillsboro: Springfield Publishers, pp. 139-140.

<sup>59</sup> Stoez, C. (2014) "General Samuel McRoberts' photos of Mennonites in Paraguay 1926-1929". *Mennonite Heritage Centre*, Vol. 40, Nº 3. Canada. p. 6.

América do Norte “para observar el desenvolvimiento de sus colonias agrarias (dos menonitas) e invitar a sus miembros a radicarse en el Chaco”<sup>60</sup>. Casado, frente a retração da indústria de tanino, principal atividade da empresa no Chaco, em acordo com o governo paraguaio, resolveu lotear e vender parte de suas terras de forma direcionada a grupos menonitas com a função de que estes ali estabelecessem colônias agrícolas<sup>61</sup>.

Os menonitas já de partida se precataram da hostilidade do Chaco e da tensão que se avizinhava:

La cuestión del agua nos causa muchas preocupaciones...para el año nuevo la construcción de la vía férrea llegaría hasta el Kilómetro 135. Está progresando lentamente. Por el momento tenemos nuestra estación en el Kilómetro 14. (...) La Corporación Paraguay nos apoya y nos ofrece su ayuda también para el futuro. La Compañía Casado igualmente ha hecho mucho por nosotros, ellos también están dispuestos a seguir ayudándonos, para que la colonia pueda desarrollarse....sobre el conflicto limítrofe entre el Paraguay y Bolivia escuchamos diferentes rumores. Lo que realmente sucede, ignoramos. El Paraguay tiene soldados en el Chaco, que están vigilando la frontera<sup>62</sup>.

Para os políticos paraguaios a presença menonita era tida como um “buen tapón ante la amenaza boliviana”<sup>63</sup> e o governo do país sul-americano, simpático à ideia, já na década seguinte promulgaria a lei número 514, de 1921, ampliada pela lei nº 914 no ano de 1927, que garantiam as liberdades religiosas, do uso da língua alemã, migratórias, culturais e de propriedade aos colonos menonitas, numa espécie de garantia jurídica

<sup>60</sup> Caballero, G. D. (2012). *Empresas y tierras de Carlos Casado en el Chaco Paraguayo. Historias, negocios y guerras (1860-1940)*. Asunción: Intercontinental, p. 249 [observação nossa]

<sup>61</sup> Caballero, G. D. (2012). *Empresas y tierras de Carlos Casado en el Chaco Paraguayo. Historias, negocios y guerras (1860-1940)*. Asunción: Intercontinental, pp. 250-251

<sup>62</sup> Friesen, M.W. (1985). *Mennonitas Canadienses conquistan un desierto, Bodas de Oro de la Colonia Menno Chaco Paraguayo, 1927-1977, Obra conmemorativa para su quincuagésimo aniversario*. Asunción: Industrial Gráfica Comuneros, pp. 13-14

<sup>63</sup> Kupchik, C. (2005). *Sopa Paraguaya: Viaje Por El Pan De La Utopía*. Buenos Aires: Área Paidós, p. 17



para os modos de vida menonitas se precavendo de um novo possível êxodo futuro ou de uma integração forçada<sup>64</sup>.

Eram 2.000 os novos colonos com origem na Rússia e com sua chegada no mesmo ano de 1930 seria fundada sua principal localidade no Paraguai, a então vila de Filadélfia, segunda colônia menonita no país.

Tal movimento estratégico não passaria incólume ao governo boliviano. Nos princípios de 1932, às portas da guerra, uma leva de menonitas com origem na região do atual leste ucraniano e que tinham por intenção tomar um navio na cidade francesa de Le Havre em direção ao Paraguai foram impedidos pelo cônsul boliviano que exigiu que os mesmos tivessem vistos bolivianos para seguir a viagem. Depois de atrasos e contratempos finalmente o barco seguiria a travessia do Atlântico com seus passageiros carregando vistos tanto da Bolívia como do Paraguai. Para o historiador paraguaio de origem menonita Gerhard Ratzlaff, este episódio é uma das chaves ao início do conflito<sup>65</sup>.

Em julho de 1932, já deflagrado o conflito, o então o ministro de relações exteriores boliviano, Juan Maria Zalles, declararia que “Todo futuro asentamiento en el Chaco, al oeste del río Paraguay, se permitirá solamente bajo el patrocinio boliviano”<sup>66</sup>. Em setembro do mesmo ano uma delegação de soldados bolivianos se acercaria a colônia de Schoenwies, nas proximidades de Filadélfia, para entregar uma carta que declarava que: “desde la fecha quedan las poblaciones de su secta bajo las amplias garantías de nuestras leyes, que goza la soberanía de Bolivia”<sup>67</sup>.

<sup>64</sup> Caballero, G. D. (2012). *Empresas y tierras de Carlos Casado en el Chaco Paraguayo. Historias, negocios y guerras (1860-1940)*. Op. Cit., pp. 249-250

<sup>65</sup> Ratzlaff, G. (2008). “Paraguay, la Guerra del Chaco y la presencia Menonita”. Entrevistador: Wolfgang Streich. Disponível em: <http://wolfgangstreichparaguay.blogspot.com.br/2016/01/paraguay-la-guerra-del-chaco-y-la.html>. [visitado janeiro 2018]

<sup>66</sup> Ratzlaff, G. (1993). *Entre dos Fuegos: Los menonitas en el conflicto limítrofe entre Paraguay e Bolivia (1932-1935)*. Assunção, pp. 12-13

<sup>67</sup> Duerksen, M. (2005). “Colonización echó leña al fuego diplomático bilateral” em *ABC Color*. Assunção, 30/6. Disponível em: <http://www.abc.com.py/edicion-impresal/interi->



Num primeiro momento o exército paraguaio a fim de evitar que os menonitas acabassem por serem integrados pelo inimigo tentou a evacuação das colônias, movimento que foi rechaçado pelas próprias comunidades. Ainda que mantivessem sua lealdade ao governo do Paraguai, país no qual estavam devidamente registradas a posse das colônias, os menonitas temiam perder suas terras com os desenlaces da guerra. Paradoxalmente, tal fato se demonstraria de vital importância ao esforço de guerra paraguaio e seu eventual sucesso.

A concentração das maiores hostilidades no período entre 1932 e 1933 se deu justamente ao sul das colônias menonitas, razão pela qual enquanto a Bolívia operava no difícil palco árido com linhas de suprimento estendidas, o exército paraguaio tinha grande parte de seu fornecimento de itens de primeira necessidade junto a frente de guerra<sup>68</sup>.

Embora os menonitas não tenham tomado parte direta no conflito, dados seus dogmas pacifistas, sua atuação em suprir o exército paraguaio não se daria sem polêmicas dentro da ampla comunidade menonita, que o percebia como uma violação de seus dogmas. Todavia, o conflito foi ponto de inflexão e chave do sucesso dos assentamentos. Se antes sequer haviam estradas que possibilitassem a venda de seu excedente produtivo nos centros urbanos, o que mantinha as colônias numa posição econômica débil, as compras do exército foram responsáveis pela primeira injeção de dinheiro corrente nas recém-criadas comunidades e trouxe consigo uma incipiente estrutura que conectaria a região a capital nacional.

Para o ano de 1934 eram ao todo 35 as povoações menonitas que se dividiram em acordo às suas origens sendo 17 as aldeias com habitantes

[or/colonizacion-echo-lena-al-fuego-diplomatico-bilateral-840311.html](http://or/colonizacion-echo-lena-al-fuego-diplomatico-bilateral-840311.html) [visitado janeiro de 2018]

<sup>68</sup> Hughes, M. (2005). "Logistics and Chaco War: Bolivia versus Paraguay, 1932-1935". *The Journal of Military History*. Volume 69, nº 2. Londres, pp. 21-22. Disponível em: <http://bura.brunel.ac.uk/bitstream/2438/1251/3/Chaco+War+-+revised+version+1.pdf> [visitado janeiro de 2018]



de origem russa<sup>69</sup>. Uma das expressões da estratégia do Partido Liberal em transformar a defesa e confirmação da soberania sobre o território do Chaco numa sorte de epopeia de reconstrução nacional, que lhe garantissem a hegemonia política, a presença das colônias deu peso as reivindicações do território *chaqueño*, o que se comprovou pelo apuro da ação boliviana em objetar ou tentar seduzir os colonos, e, de forma lateral e inesperada, acabou por ter crucial papel na logística da guerra.

Finalmente, o desenrolar do conflito deu condições para que a experiência menonita fosse a primeira experiência bem lograda de colonização estrangeira no período pós-guerra da Tríplice Aliança, abrindo caminho para que a presença de tais colonizadores de origem teuto-russa permanecesse e se expandisse até a contemporaneidade.

### Considerações finais

Findada a Guerra da Tríplice Aliança o destroçado Paraguai se encontrou dividido pela disputa geopolítica entre Brasil e Argentina que por meio de seus braços aliados, os partidos colorado e liberal, disputavam o controle político interno do país. Num breve período marcado pela hegemonia liberal, a disputa territorial pela fronteira norte despontou como uma janela de oportunidade para o reordenamento espacial e da configuração política do país num processo que deveria culminar no estabelecimento de uma hegemonia liberal.

A defesa da soberania ante a ameaça boliviana justificava o deslocamento do exército ao norte assim como sua reestruturação embora dependesse em igual medida da ocupação do território *chaqueño*. É aqui que

<sup>69</sup> Paraguai, Ministério da Economia. (1934). *Las colonias menonitas en el Chaco Paraguayo*. Assunção: Imprenta Nacional. p. 19



num encadeamento de fatos históricos de ordem global, numa aparente improbabilidade, grupos com origem no Império czarista russo entraram para a história do país guarani.

Há de se notar que tanto as missões militares lideradas por Belaieff quanto as colônias menonitas no território chaqueño, as ações concretas tomadas por Assunção no território, aparecem como fatores aceleradores do conflito. Por si a presença crescente do Estado paraguaio na região foi o sinal de alerta ao governo boliviano de que suas pretensões territoriais poderiam já não encontrar lastros dali a poucos anos, o que acabou por conflagrar a disputa.

O exército boliviano contando com maiores recursos materiais e humanos se viu enfrentado a um inimigo que tinha um maior conhecimento e teluricidade no terreno. Se bem parte das causas catalisadoras da guerra, a presença de grupos provenientes do Império Russo foi parte central das raízes da vitória paraguaia. As expedições lideradas por Belaieff ademais de dar a grande vantagem do conhecimento acumulado ao longo dos anos sobre o território, também fermentou a aliança com as populações autóctones, vantagens que faltavam ao oponente boliviano e que se mostraram decisivas. Também as táticas empregadas que levavam em conta sua própria inferioridade técnica e numérica, somadas a presença das colônias menonitas que serviram de linha avançada de suprimentos durante a guerra foram alguns dos pontos chaves na relativa vitória do país guarani.

Se bem a Guerra do Chaco é mais conhecida pela tática de avance rápido da cavalaria mecanizada comandada pelo Marechal José Felix Estigarribia, tida como precursora da Blitzkrieg germânica –indubitavelmente outra perna fundamental da vitória paraguaia– a presença russa e as preparações avançadas no território chaqueño também trouxeram características que seriam observadas poucos anos adiante na luta dos partisans no



leste europeu que atuavam atrás das linhas inimigas durante a Segunda Guerra Mundial.

Apesar de a guerra ter se revelado uma tragédia ao projeto de poder do Partido Liberal, que foi destituído por uma revolução comandada por parte dos militares já em 1936, a vitória estratégica paraguaia assegurou a soberania definitiva do país sobre a maior parte do território em disputa e abriu passo a ocupação dos espaços interiores do país.

Findado o conflito, parte dos ex-oficiais Brancos e seus familiares se assentaram e adentraram a vida pública do país. Quanto aos menonitas teuto-russos, estes foram talvez os maiores beneficiados com os resultados da guerra sendo suas colônias as primeiras a obterem sucesso em sua empresa que perdura e se expande até os dias atuais. Tal experiência também preparou terreno para a chegada de outros grupos de imigrantes e uma nova etapa de colonização massiva do interior do país que avançou para a segunda metade do século 20.

### **Bibliografia:**

– ABC Color. (2017). “Habilitan galería de rusos que defendieron el Chaco”. Assunção, 29/5. Disponível em: [www.abc.com.py/nacionales/habilitan-galeria-de-rusos-que-defendieron-el-chaco-1598414.html](http://www.abc.com.py/nacionales/habilitan-galeria-de-rusos-que-defendieron-el-chaco-1598414.html) [visitado janeiro de 2018]

– Andruskiewitsc, Don I. (2012). “La emigración y la diáspora rusas en el mundo y en la Argentina”. *Perspectivas*, nº 1. Villa Ballester. Disponível em: <http://www.misionortodoxa.org/la-emigracion-y-diaspora-rusa-por-don-igor-andruskiewitsc&start=20> [visitado janeiro de 2018]

– Aponte, L. (2015). “Bombardeos y Combates Aereos en La Guerra del Chaco”. *Ara Sunu*, Nº 10. pp. 16-28. Assunção: Fuerza Aérea Paraguaya.



- Bandeira, L. A. M. (1998). “A Guerra do Chaco”. *Revista Brasileira de Política Internacional*, nº 41, pp. 162-197. Brasília.
- Bejarano, R. C. (1982). *Síntesis De La Guerra Del Chaco*. Assunção: Editorial Toledo.
- Benítez, D. (1998). *El Terere, Algo Más Que Una Bebida En Paraguay*. Assunção: El Lector.
- Brezzo, I. M. (2010). *El Paraguay a comienzos del siglo XX 1900-1932*. Assunção: El Lector.
- Brockmann, R. (2007). *El general y sus presidentes: vida y tiempos de Hans Kundt, Ernst Röhm y siete presidentes en la historia de Bolivia, 1911-1939*. La Paz: Plural Editores.
- Caballero, G. D. (2012) *Empresas y tierras de Carlos Casado en el Chaco Paraguayo. Historias, negocios y guerras (1860-1940)*. Assunção: Intercontinental.
- Cheterston, B. M; Isaenko, A. V. (2014). “A White Russian in the Green Hell: Military Science, Ethnography, and Nation Building”. *Hispanic American Historical Review*, nº 94, pp. 615-648. Durham.
- Duerksen, M. (2005). “Colonización echó leña al fuego diplomático bilateral” em *ABC Color*. Assunção, 30/6. Disponível em: <http://www.abc.com.py/edicion-impresa/interior/colonizacion-echo-lena-al-fuego-diplomatico-bilateral-840311.html> [visitado janeiro de 2018]
- Eltz, A. (2014). *A Guerra do Chaco (1932-1935): Ocultação e Participação Indígena*. Dissertação de Mestrado em História, Territórios e Fronteiras. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso.
- Foster, W. (2011). *The Makhnovists and the Mennonites: war and peace in the Ukrainian Revolution*. Disponível em: <https://libcom.org/history/makhnovists-mennonites-war-peace-ukrainian-civil-war> [visitado janeiro de 2018]
- Friesen, M.W. (1985). *Mennonitas Canadienses conquistan un desierto, Bodas de Oro de la Colonia Menno Chaco Paraguayo, 1927-1977, Obra*



*conmemorativa para su quincuagésimo aniversario*. Asunción: Industrial Gráfica Comuneros.

– Furlan, I. F. (2014). “Pensamiento militar y defensa en Paraguay: la mirada del capitán de navío José Alfredo Bozzano sobre el conflicto del Chaco” em *Documentos De Trabajo*, N°21. Buenos Aires: Escuela de Defensa Nacional

– Gutiérrez, A. (2014). *La Oposición Tolerada y La Perseguida*. Assunção: El Lector.

– Hughes, M. (2005). “Logistics and Chaco War: Bolivia versus Paraguay, 1932-1935”. *The Journal of Military History*. Volume 69, nº 2, pp. 411-437. Londres. Disponível em: <http://bura.brunel.ac.uk/bitstream/2438/1251/3/Chaco+War+-+revised+version+1.pdf> [visitado janeiro de 2018]

– Kupchik, C. (2005). *Sopa Paraguaya: Viaje Por El Pan De La Utopía*. Buenos Aires: Área Paidós.

– Mazacotte, A. (1983). *Ensayo Sobre la Guerra del Chaco*, Tomo 1. Assunção: Ediciones Napa. Parte IX.

– Mikhalkov N., (Diretor). (2003). “O Paraguai Russo” em *Russos sem Russia*. Russia: Rossiya 1.

– Morello, J. (1981). *El Gran Chaco: El Proceso De Expansión De La Frontera Agrícola Desde El Punto De Vista Ecologico Ambiental*. Brasília: Cepal.

– Rapoport. M. (2009). “Braden Y La Guerra Del Chaco” em diário *Página12*. Buenos Aires, 29/4.

– Ratzlaff, G. (1993). *Entre dos Fuegos: Los menonitas en el conflicto limítrofe entre Paraguay e Bolivia (1932-1935)*. Assunção, pp. 12-13

– Ratzlaff, G. (2008). “Paraguay, la Guerra del Chaco y la presencia Menonita”. Entrevistador: Wolfgang Streich. Disponível em : <http://wolfgangstreichparaguay.blogspot.com.br/2016/01/paraguay-la-guerra-del-chaco-y-la.html>. [visitado janeiro de 2018]



- Richard, N. (2008). *Los baqueanos de Belaieff. La mediación indígena en la entrada militar al Alto Paraguay*. Assunção: Servilibro/Museo del Barro.
- Schroeder, W. (2001). *Mennonite Historical Atlas*. Hillsboro: Springfield Publishers
- Scheina, R. (2003). *Latin America's Wars Volume II: The Age of the Professional Soldier, 1900-2001*. Washington: Potomac Books.
- Sierra, V. (1956). *Historia de la Argentina. Volume 1*. Buenos Aires: Editorial Científica Argentina.
- Stricker, G; Sawatsky, w. (1984). *Mennonites in Russia and the Soviet Union: An aspect of the church history of the Germans in Russia*. Londres: Routledge.
- Stoez, C. (2014). “General Samuel McRoberts’ photos of Mennonites in Paraguay 1926-1929”. *Mennonite Heritage Centre*, Vol. 40, Nº 3. p. 6. Canada.
- Paraguai, Ministério de Economía. (1934). *Las Colonias Mennonitas En El Chaco Paraguayo*. Assunção: Imprenta Nacional.
- Plett, R. (1976). *Presencia Menonita En El Paraguay Origen, Doctrina, Estructura y Funcionamiento*. Assunção: Instituto Bíblico Asunción.
- Puente, R. (2011). *Recuperando la memoria: una historia crítica de Bolivia*. Tomo 1. Santa Cruz: Fundación Colonial Pirai.
- *Time*. (1933). “Bolivia-Paraguay: Blood in Chaco”. 17/7. Vol. XXII, nº 3. Nova Iorque.
- *Ultima Hora*. (2017). “A 82 años de la Paz del Chaco, héroe cuenta cómo fueron entrenados por los rusos”. Assunção, 12/6. Disponible em: [www.ultimahora.com/a-82-anos-la-paz-del-chaco-heroe-cuenta-como-fueron-entrenados-los-rusos-n1090623.html](http://www.ultimahora.com/a-82-anos-la-paz-del-chaco-heroe-cuenta-como-fueron-entrenados-los-rusos-n1090623.html) [visitado janeiro de 2018]
- Vysokolan, S. (1958). *Batalla de Nanawa. Conferencia pronunciada na Guarnición Militar de Paraguarí*. Disponible em: [www.portalguarani.com/2000\\_stephan\\_vysokolan/14625\\_batalla\\_de\\_nanawa\\_dr\\_stephan\\_vysokolan\\_.html](http://www.portalguarani.com/2000_stephan_vysokolan/14625_batalla_de_nanawa_dr_stephan_vysokolan_.html) [visitado janeiro de 2018]



– Whigham, T. (2010). *La Guerra de La Triple Alianza Vol. 1. Causas E Inicios Del Mayor Conflicto Bélico De América Del Sur*. Assunção: Santilana. Disponível em: [http://www.portalguarani.com/833\\_thomas\\_i\\_whigham/15350\\_la\\_guerra\\_de\\_la\\_triple\\_alianza\\_\\_volumen\\_i\\_thomas\\_whigham\\_\\_ano\\_2010.html](http://www.portalguarani.com/833_thomas_i_whigham/15350_la_guerra_de_la_triple_alianza__volumen_i_thomas_whigham__ano_2010.html)

– Nikolaev, Y. (2006). “Los Rusos Que Hicieron un Sustancial Aporte al Desarrollo del Pais” em *Ria Novosti*. Moscou, 25/11. Disponível em: <https://mundo.sputniknews.com/noticias/2006112555847610/> [visitado janeiro de 2018]

– Zhuravleva, E. (2013). “Juan Belaieff, ruso en Paraguay” em *Katari*. Disponível em: [www.katari.org/archives/juan-belaieff-ruso-en-paraguay](http://www.katari.org/archives/juan-belaieff-ruso-en-paraguay) [visitado em janeiro de 2018]

– Zuccarino, M. (2010). *La Guerra Del Chaco (1932-1935). Variables Internas y Externas, y La Postura De La Argentina Ante El Conflicto*. Tandil: Unicen.

